

A CONDIÇÃO FEMININA NAS ENTRELINHAS DOS DISCURSOS DE *SENHORA*

Layane Brabo NUNES (UFPA)

Sandra Maria JOB (UFPA)

Resumo: O Romantismo no Brasil trouxe consigo ideologias, propostas de cunho nacionalistas, entre outras coisas. Neste contexto, o objetivo desse trabalho é identificar e discutir aspectos do discurso feminino na obra *Senhora*, de José de Alencar, que traduzam/remetam a ideologia de cunho social, como, por exemplo, da emancipação feminina. Para tanto, essa pesquisa se apoiará em textos teóricos que discutam o próprio movimento romântico, a concepção de discurso e algumas discussões sobre a condição social feminina na sociedade.

Palavras-chave: Romantismo. Discurso. *Senhora*. Mulher.

Ao estudar a história do início do Romantismo no Brasil, percebemos que esse movimento literário veio com algumas ideias para distinguir o Brasil como nação, que era dependente da Europa culturalmente e não tinha uma literatura própria, isto é, uma literatura que tivesse ‘a cor local’. Constata-se também que a origem desse movimento no Brasil é confusa, pois alguns teóricos consideram que o marco inicial do movimento literário foi com o lançamento do livro de poesia de Gonçalves de Magalhães, *Suspiros poéticos e saudades*, mais pelo reconhecimento do valor histórico do que pela obra em si. Já outros não reconhecem Magalhães como o pioneiro ou o seu trabalho como sendo o primeiro. Alguns estudiosos marcam o início do Romantismo com a *Carta de 1833* que Gonçalves enviou para Borges Monteiro, outros já reconhecem Joaquim Silva como o pioneiro. Percebe-se então que há uma confusão para dizer ao certo qual o marco inicial que inaugura o Romantismo no Brasil. Contudo, o mais reconhecido é Gonçalves de Magalhães (VOLOBUEF, 1999, p. 159-158).

Independente dessas discussões, o fato é que o Romantismo chega ao Brasil com o objetivo de solidificar/unificar a nação brasileira e construir uma literatura que fosse brasileira. Como nos aponta Ricupero (2004, p. 6), “o romantismo teve o papel de criação e de invenção da nação”. Sendo assim, percebemos a roupagem nova que o Romantismo trouxe consigo para o Brasil, que apesar dos romancistas brasileiros terem buscado na Europa ideias propulsoras, suas características são originalmente brasileiras. Para Volubuef (1999, p. 201), “[...] esse nacionalismo renovou a nossa literatura, imprimindo ao Romantismo brasileiro uma constituição própria e diferenciando-se de outros países”.

Neste sentido, os romancistas brasileiros buscavam suas inspirações na realidade de seu país, e mais ainda, tentavam viver essa realidade. De acordo com Cândido (1918, p. 328), “manteve-se durante todo o Romantismo o dever patriótico, que levava os escritores não apenas a cantar a sua terra, mas considerar as suas obras como contribuição ao progresso”.

A necessidade de nacionalizar o Brasil surge pelo desejo de liberdade, que vem desde a Independência do Brasil em 1822, porém com a possível chegada de D. Pedro I ao país foi posto em risco a possível “independência”. Então surge o Romantismo que veio ajudar a solucionar essa situação, procurando trazer, entre outras coisas, uma identidade para a nação brasileira. Para tanto, fez uso da literatura, ou seja, uma literatura nacional brasileira (VOLUBUEF, 1999, p. 207-208).

O nacionalismo na história da literatura e do Romantismo no Brasil veio com o intuito de descrever o país a partir da realidade de seus habitantes, e de sua cultura, promovendo, assim, um pacto entre o brasileiro e sua pátria. Assim, como bem nos coloca Cândido (1981), “nacionalismo, na literatura brasileira, consistiu basicamente [...] em escrever coisas locais; no romance, a consequência imediata e salutar foi à descrição de lugares, cenas, fatos, costumes do Brasil” (CÂNDIDO, 1981, apud, VOLUBUEF, 1999, p. 211).

Para descrever a cultura, a realidade, os impasses, os costumes do Brasil, o gênero literário romance¹ coube com exatidão para os propósitos dos escritores brasileiros. O romance também serviu para, entre outras coisas, reproduzir discursos, anseios da sociedade consciente e politizada daquela época. Neste contexto, portanto, é que se dá o interesse dessa pesquisa, que se volta agora para averiguar o discurso da personagem feminina Aurélia Camargo, em específico, do romance *Senhora* (1875) de José de Alencar.

É importante ressaltar aqui, antes de passarmos para análise discursiva do romance *Senhora*, que existem referenciais teóricos que se dedicam a estudar concepções acerca da análise do discurso, como a obra *Ordem do Discurso* (1996) do francês Michel Foucault. Assim, segundo Foucault (1996, [s.p.]):

É claro que sabemos, numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é o interdito. [...] O discurso, aparentemente, pode até não dizer nada de por aí além, mas, no entanto, os interditos que o atingem, revelam, cedo, de imediato, o seu vínculo ao desejo e o poder.

Então, estudar o discurso é também se atentar no interdito, ou seja, naquilo que não está dito/escrito.

No Brasil, uma das pioneiras da análise do discurso é Eni Orlandi (2001). Em seu trabalho *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*, a autora diz que para se analisar o discurso é necessário compreender que todo discurso sempre pode ter outro sentido, e valoriza a leitura por esse aspecto. Em uma entrevista para a revista *Teias* (2006, [s.p.]), Orlandi afirma que “compreender é saber que o sentido sempre pode ser outro, desde muito cedo, quando se aprende a

¹ Sobre o romance vale salientar, que é um gênero literário de ficção narrativa, que teve a preferência do público a partir do Romantismo. No entanto, foi no romance que o Realismo encontrou um suporte fundamental, pois neste movimento literário que se tem a liberdade de analisar os problemas sociais, e retratar a realidade tal como ela é. No romance são contadas histórias longas e complexas que permitem ao leitor a se aprofundar na história e conhecer os personagens. ANAIS - I Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará - 20, 21 e 22 de fevereiro de 2014. ISSN

análise de discurso, isso vai se impondo”. Desta forma, os discursos sempre trazem consigo a possibilidade de outra leitura. Em outros termos, podemos atribuir ao discurso um caráter inconsciente e oculto, pois na entrevista Orlandi (2006, [s.p.]) também diz que:

A incompletude, a divisão, o político, o inconsciente, a ideologia, as diferenças são uma constante para quem aprende a análise do discurso. Daí a teorizar a leitura e afirmar que o sentido pode ser outro é só um passo. O que sempre me traiu, me seduziu na análise do discurso é que ela ensina a pensar, é que ela nos tira as certezas e o mundo fica mais amplo, menos sabido, mais desafiador.

A partir dessas concepções do discurso é que nos basearemos para averiguar o discurso adotado pela personagem Aurélia Camargo, no romance *Senhora*.

Percebemos que a personagem/protagonista representa na narrativa a figura de uma mulher revoltada com a condição social da mulher na sociedade. Vale lembrar que no começo do século XIX, a mulher estava iniciando sua luta pela igualdade de direitos sociais. Essa luta para emancipação feminina, pode ser notada nas entrelinhas do discurso de Aurélia Camargo. Como pode ser observado no trecho: “pensa que basta uma palavra sua para restituir-me a liberdade? Perguntou a moça com um sorriso” (ALENCAR, 1875, [s.p]).

Certamente nessa época a mulher vivia em uma sociedade, na qual seu único papel era ficar em casa, cuidando dos filhos e do marido, enquanto existia um mundo – de homens e para os homens – lá fora. Na verdade, se pararmos para olhar ao nosso redor, ainda existem muitas pessoas, até mesmo mulheres, que vivem ou acham que esse é único papel da mulher na sociedade. Contudo, há mulheres que não aceitam e tentam se opor a essa situação, como a Aurélia Camargo, que apesar de ser uma personagem fictícia, traduz a realidade social feminina na sociedade da época. Como nos mostra o excerto: “- Resolvi ser freira! – Está bom! – Mas meu convento há de ser este mundo em que vivemos, que nenhum outro teria mais penitências e mortificações para mim” (ALENCAR, 1875, [s.p]).

A situação social feminina no século XIX (época em que o romance foi escrito) era de extrema submissão à sociedade, à classe dominadora. E até para se casar era necessário que a mulher obtivesse uma boa quantia em dinheiro para pagar o dote ao seu pretendente. Aliás, o casamento era, na verdade, um método para os homens subirem de classe social se conseguisse uma pretendente cuja família lhe oferece um bom dote. Podemos ver essa questão bem explícita neste trecho do romance *Senhora*: “- Poderia de um momento para outro arranjar um casamento vantajoso, como tinham conseguido muitos que não estavam em tão favoráveis condições” (ALENCAR, 1875, [s.p]).

Ainda em relação ao casamento, no romance *Senhora*, vamos nos deparar com três figuras de mulher que representam a questão do casamento na época: uma é Aurélia que comprou seu marido, e as outras são Mariquinhas e Nicota, que por não terem dinheiro não conseguiam arrumar

marido. A personagem Aurélia Camargo critica a visão que as pessoas tinham sobre o casamento na época, pois o discurso desta personagem dá voz às reivindicações femininas da época, ou pelo menos a uma situação social prejudicial à mulher daquela sociedade. Como fica evidente neste trecho: “– Casamento e mortalha no céu se talham, minha mãe, respondia a menina rindo-se para encobrir o rubor” (ALENCAR, 1875, [s.p]). Ou seja, os casamentos eram algo antecipadamente planejados, não era algo que acontecesse ao acaso, quando as duas pessoas envolvidas se encontrassem e se apaixonassem.

Prova de que era algo previamente arranjado é o casamento de Aurélia Camargo que “compra” seu marido, (com)provando que as uniões matrimoniais eram, na verdade, uma comercialização. Por um lado, este fato é prova da conotação do matrimônio dentro daquela sociedade; por outro dá semanticamente à mulher/personagem um poder que, na verdade, ela não tinha: o de escolher e poder comprar o homem dos seus desejos. Contudo, socialmente, o narrador, através da postura e discurso da personagem feminina, mostra para a mulher/leitora da época como a situação dela poderia ser diferente e/ou o quão injusta é a situação na qual ela vive, isto é, dependente financeiramente de um homem/ da sua família para conseguir um casamento – objetivo maior de todas as mulheres da época Neste sentido, haja vista o discurso de Aurélia: “- É tempo de concluir o mercado. Dos cem contos de réis, em que o senhor avaliou-se já recebeu vinte; aqui tem os oitenta que faltavam. Estamos quites, e posso chamá-lo *meu*; pois é este o nome de convenção” (ALENCAR, 1875, [s.p] – grifo nosso).

Vale enfatizar, que a personagem Aurélia só revolucionou suas ideologias e atitudes porque recebeu uma herança de seu pai e ficou rica, passou a viver em outro ambiente social, na burguesia. No entanto, se não tivesse acontecido isto, a personagem teria que aceitar a situação social imposta à mulher na sociedade.

A riqueza, que lhe sobreveio inesperada, erguendo-a subitamente da indigência ao fastígio, operou em Aurélia rápida transformação; não foi, porém no caráter, nem nos sentimentos que se deu a revolução; estes eram inalteráveis, tinham a fina têmpera de seu coração. A mudança consumou-se apenas na atitude, se assim nos podemos exprimir, dessa alma perante a sociedade. Com uma existência calma e um amor feliz, Aurélia teria sido meiga esposa e mãe extremosa (ALENCAR, 1875, [s.p]).

Ou seja, a tão sonhada independência está/estava implicitamente relacionada ao dinheiro.

Diferente de Aurélia, Mariquinhas e Nicota (que depois de algum tempo conseguiu casar), remetem outra realidade das mulheres daquela época. Representam a realidade de mulheres cuja condição social financeira não lhes permitia a tão almejada “ascensão” social: o casamento.

Naquela sociedade, se a mulher rica já não tinha grandes regalias e/ou poder no plano social, aliás, a única vantagem que tinha era a de obter/comprar um “marido”, imagine a mulher pobre. Mariquinhas e Nicota – duas personagens pobres – personificam uma das dificuldades que

ANAIS - I Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará - 20, 21 e 22 de fevereiro de 2014. ISSN

era ser uma mulher pobre, que vivia em uma sociedade burguesa, patriarcal. Ser mulher e pobre, como Mariquinhas e Nicota, restava o que restou a estas:

Mariquinhas mais velha que Fernando, vira escoarem-se os anos da mocidade, com serena resignação. Se alguém se lembrava de que o outono, que é estação nupcial, ia passando sem esperança de casamento, não era ela, mas a mãe, D. Camila, que sentia apertar-se-lhe o coração. [...] Nicota, mais moça e também mais linda, ainda na flor da idade; mas já tocava aos vinte anos, e com a vida concentrada que tinha a família, não era fácil que aparecessem pretendentes à mão de uma menina pobre e sem proteções (ALENCAR, 1875, [s.p]).

Ou seja, o futuro dessa mulher pobre, dentro da narrativa e na sociedade da época era, no mínimo, cruel, pois não lhes restava nada, a não ser a desesperança e a amargura de uma ditadura social imposta à mulher que nada podia fazer para se libertar dela, posto que não podia trabalhar, única forma de se libertar, mas que se conseguisse, haveria de cair em desgraça aos olhos da sociedade, o que lhe dificultaria arranjar marido do mesmo jeito.

Finda essa breve leitura, pode-se perceber que existe sim um caráter crítico no romance *Senhora* (1875) de José de Alencar subjacente aos ideais nacionalistas, ao romantismo exacerbado, a idealização da mulher, por exemplo. Esse caráter crítico está presente na voz do narrador e, em particular, no discurso da personagem/protagonista Aurélia Camargo que traduz a figura da mulher daquela sociedade que está em busca da emancipação feminina e de seus direitos na sociedade da época, como a própria Aurélia reconhece “- O direito aqui seria da mulher, e não só este como outros mais” (ALENCAR, 1875, [s.p]).

Em outras palavras, portanto, o advento do Romantismo no Brasil ficou marcado pelas suas ideologias, principalmente a de cunho nacionalista. Contudo, ainda que inconscientemente, o discurso feminino, em especial, presente em *Senhora* mostra mais do que ideologias nacionalistas, pois a obra traz um discurso que reflete as ambições feministas do período e, de certa forma, antecipa discursos de feministas do século XX como, por exemplo, o discurso de Virginia Woolf. Tal discurso, entre outras críticas implícitas, critica a situação cruel imposta à mulher pela sociedade patriarcal quando a mantém refém de dotes para poder se casar, por exemplo. E tais críticas, ainda que indeléveis, pode, de alguma maneira ter influenciado e/ou pelo menos ter feito com que leitoras/es do período parassem para refletir sobre a sua sociedade ou sobre si mesmos/as enquanto indivíduos/pais/maridos/mulheres/mães. E ainda que nada disso tenha acontecido, o relevante hoje é que podemos (re)ler tal obra do Romantismo e contestar, a partir dessa análise, o caráter de obras vazias com que o Romantismo muitas vezes tem sido catalogado, visto que nas entrelinhas do discurso, pelo menos no que se refere à obra *Senhora*, os muitos interditos e as entrelinhas do discurso ali presentes revelam muito mais verdades sociais e humanas do que as letras pretas grafadas no claro branco das páginas dessa obra podem dizer. E que esta análise certamente nem tudo conseguiu verbalizar.

REFERÊNCIA

ALENCAR, José de. *Senhora*. 1875. Disponível em: <www.objdigital.br/senhora.pdf> Acesso em: 17 de Abril de 2013.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 1750-1880*. 13. ed. 1918, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 1996. Disponível em: <www.portalentretextos.com.br> Acesso em: 17 de abril de 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. Análise de Discurso: conversa com Eni Orlandi. In: *TEIAS*, ano 7, nº 13-14. Rio de Janeiro, dez/jan 2006, p. 1-7. Disponível em: <www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/download/210/209> Acesso em: 17 de Abril de 2013.

RICUPERO, Bernardo. *O Romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VOLUBUEF, Karin. *A prosa de ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Fundação editora da Unesp (FEU), 1999.